



## **INTRODUÇÃO BIOGRÁFICA ALERTA PARA O NÃO CONVERTIDO**

Um guia seguro para o céu — 1672.

Joseph Alleine nasceu numa família Puritana em Devizes, em Wiltshire, e foi batizado a 8 de abril de 1634. A Inglaterra estava então no auge dos acontecimentos agitadores que em breve levariam à Guerra Civil, e antes de Alleine ter dez anos de idade a Praça do Mercado, onde se encontrava a sua casa, ressoou com o estrondo dos canhões e o ribombar dos mosquetes, quando os monarquistas puseram os Puritanos em retirada na “Batalha de Roundway” (julho de 1643). Dois anos mais tarde, os papéis inverteram-se e o próprio Cromwell certificou-se de que a bandeira azul do Parlamento fosse hasteada sobre no alto do velho castelo que ficava em frente à casa da infância de Alleine.

O círculo familiar também não ficou sem as suas provações. O seu pai, embora um coveiro de boa reputação, sofreu algumas das desgraças econômicas da guerra; e para sua tristeza, o irmão mais velho de Joseph, Edward, já no ministério, morreu em 1645. Nesse mesmo ano, Alleine “lançou-se na carreira cristã” e implorou ao seu pai que fosse educado para “suceder ao seu irmão no trabalho do ministério”. Assim, em abril de 1649, encontramo-lo a subir para Oxford para se sentar aos pés de teólogos como John Owen e Thomas Goodwin. Em novembro de 1651, mudou-se de Lincoln para o “Corpus Christi College” — este último, sob a presidência do piedoso Dr. Edward Staunton, sendo um seminário mais radicalmente puritano, mais completo. Ali recebeu o grau de Bacharel em Artes em 6 de julho de 1653, tornando-se professor assistente e, subsequentemente, capelão do seminário. Sem dúvida, foi em parte devido à influência de Alleine que Henry Jessey pôde escrever em 1660: — “Penso que não havia no mundo outro colégio como Corpus Christi, onde uma tal multidão detinha o poder da piedade, e a pureza da adoração a Deus — pureza



do culto a Deus. Era tal qual um Éden, mas agora não passa de um deserto estéril”. Os anos de Alleine em Oxford foram caracterizados pela piedade e estudo diligente. O seu bom temperamento e disposição calorosa granjeou-lhe muitos amigos, porém se as suas visitas interrompessem o seu tempo de estudo, “ele não se dava ao luxo de recebe-las, dizendo: — É melhor que eles se admirem com a minha rudeza do que eu perder o meu tempo; pois apenas alguns notarão a minha indelicadeza, mas muitos poderão sentir a minha perda de tempo”. Como capelão, ele trabalhou para evangelizar aldeias rurais em Oxford e também pregou aos prisioneiros na cadeia a cada quinze dias. Tal foi a sua formação para o seu futuro ministério. Antes do vinte e um, ele já tinha aprendido a ser “infinita e insaciavelmente ganancioso pela conversão das almas e para isso derramou o seu próprio coração em oração e em pregação”. Não é de admirar que um digno e notável Puritano piedoso, George Newton (1602 – 1681), ministro de Sáint Mary Magdalen (Santa Maria Madalena), Taunton, tenha chamado Alleine para ser seu assistente em 1655. Taunton, uma cidade produtora de lã com uma população de talvez cerca de 20.000 habitantes, era um reduto Puritano, um baluarte no Ocidente da Inglaterra. O espírito da cidade tinha sido claramente manifestado dez anos antes quando, com firmeza heróica, resistiu desesperados cercos monarquistas — mesmo quando metade das ruas tinham sido incendiadas por uma tempestade de morteiros e muitos habitantes haviam morrido de fome! Foi ali, em meio às colinas, campinas e pomares de Somerset, que Alleine iria passar o seu curto, mas inesquecível ministério.

Imediatamente após o início do seu trabalho em Taunton, Alleine casou-se a 4 de outubro de 1655 com a sua prima Theodosia Alleine, uma mulher de singular espiritualidade, que deixou um relato comovente do ministério do seu marido. A única “falha” pela qual ela repreendeu o seu marido, foi que ele não passou mais tempo com ela, ao que ele respondia: — “Ó, minha querida, sei que a tua alma está



salva; mas quantas há que estão perecendo e das quais eu tenho que cuidar? Ó, se eu pudesse fazer mais por eles!”. A vida inteira de Alleine foi uma ilustração de suas palavras: — “Dá-me um cristão que considere o seu tempo mais precioso do que o ouro”.

Quando a semana começava, ele dizia: — “Outra semana está agora diante de nós, passemos e usemos esta semana para Deus”. E todas as manhãs ele dizia: — “Vamos viver bem este dia!”. A sua esposa escreveu: — “Enquanto teve saúde, ele levantava-se constantemente às quatro horas ou antes, e aos domingos, mais cedo. Se ele acordasse, ficava muito perturbado se ouvisse alguns ferreiros, ou sapateiros, ou comerciantes, a trabalhar nos seus ofícios antes que ele tivesse cumprido seus deveres para com Deus; dizendo-me, depois: — “Ó, como este barulho me envergonha! Porventura, não merece o meu Senhor mais do que o deles? Das quatro às oito da manhã ele passava em oração, em santa contemplação, e cantando Salmos – com os quais ele muito se deleitava – praticava diariamente sozinho, fazendo suas devoções, como também com a sua família”. Juntos este dedicado casal trabalhava esforçadamente pelas almas perdidas.

Theodosia Alleine manteve uma escola para crianças em sua casa, enquanto o seu marido passava cinco tardes por semanas a acompanhar, reiterando os urgentes apelos aos não convertidos que ele lançava domingo após domingo, sob a majestosa torre de Mary Magdalen (Maria Madalena). Ele mantinha um catálogo com os nomes dos habitantes de cada rua e cuidava para que cada um fosse visitado e catequizado. Isto resultou numa numerosa reunião de almas. George Newton escreveu: — “As suas súplicas e exortações muitas vezes foram tão afetuosas, tão cheias de zelo santo, vida e vigor, que ultrapassaram bastante os seus ouvintes; ele derreteu-os e por vezes dissolveu os corações mais duros”. É evidente que mesmo numa

---

<sup>1</sup> “O Senhor teve o prazer de nos abençoar excessivamente nos nossos esforços”, escreveu Theodosia Alleine, “de modo que muitos se converteram em poucos anos, os quais, antes, não conheciam a Deus” (Joseph Alleine, por Charles Stanford, 1861, p. 101).



época em que a pregação poderosa e o evangelismo bem-sucedido eram comparativamente comuns, o ministério de Alleine era notável aos olhos dos seus irmãos. “Poucas épocas produziram pregadores mais eminentes que o Sr. Joseph Alleine”, declarou o Puritano apostólico do Norte, Oliver Heywood. E Baxter, referindo-se a Alleine, fala de sua “grande habilidade ministerial na explicação pública e aplicação das Escrituras – tão comovente, tão convincente, tão poderosa”. Um período de bênção chegava ao seu fim quando Alleine iniciou o seu ministério. Três anos mais tarde, Cromwell estava morrendo. Dois anos depois, os sinos de Taunton tocaram alegremente para dar as boas-vindas ao regresso a casa de Charles II (Carlos II) e à restauração da monarquia (1660). Mas a felicidade nos corações dos Puritanos foi de curta duração. Na época em que, como disse Philip Henry, “um rosto de piedade estava sobre a nação – a nação gozou de um estado de religiosidade”, acabou em 1662, quando, com o infame “Ato de Uniformidade”, 2.000 dos melhores ministros que a Inglaterra já teve, foram destituídos de seus púlpitos. Entre os cerca de oitenta e cinco ministros que sofreram desta forma em Somerset, encontramos, como era de esperar, os nomes de George Newton e Joseph Alleine. Mas, apesar de ter sido excluído do seu púlpito, Alleine recusou-se a ser silenciado. De fato, diz-nos a sua esposa que “deixando de lado outros estudos por achar que seu tempo era curto”, ele intensificou a sua atividade de pregação: — “Eu sei que ele chegou a pregar catorze vezes numa semana, em muitas ocasiões dez vezes, e regularmente seis ou sete numa semana, durante aquele período”. Finalmente, após ter sobrevivido a muitas ameaças, Alleine recebeu uma convocação em 26 de maio de 1663. Na noite seguinte, ele marcou para se encontrar com o seu povo (com seus fiéis) “por volta de uma ou duas horas da manhã, ao qual compareceram, de boa vontade, centenas de jovens e adultos; então pregou e orou com eles durante três horas, aproximadamente”. No dia seguinte, foi atirado na prisão em Ilchester. Após um ano foi libertado, mas apenas para ser confrontado com os rigores da “Five Mile Act” (Ato das Cinco



Milhas) e da “Conventicle Act<sup>2</sup>”. Embora agora com saúde precária, retomou a pregação ocultamente até 10 de julho de 1666. Nessa noite, enquanto estava pregando sobre o Salmos 147:20 numa reunião em certa casa particular, as portas foram abertas e ele foi novamente levado para a prisão. Uma vez mais foi libertado, e com uma energia espiritual não diminuída considerou o que poderia ainda fazer para promover o Evangelho de Cristo. Ele diria à sua esposa ao levantar-se de manhã: — “Agora temos mais um dia; aqui está mais um dia para Deus, agora vamos viver bem este dia, trabalhar arduamente pelas nossas almas, armazenar muito tesouro no céu neste dia, pois nos restam apenas poucos dias para viver”. A sua esposa conta-nos como, com verdadeiro espírito puritano, os seus pensamentos se voltaram para a possibilidade de trabalho missionário no País de Gales ou mesmo na China. Nunca o Evangelho de Jesus Cristo queimou tão fervorosamente em qualquer outro coração inglês! Mas o trabalho de Alleine foi feito, pois a sua constituição física nunca se recuperou das dificuldades e maus tratos sofridos nas prisões e o seu corpo definhava-se rapidamente. No dia 17 de novembro de 1668, com a idade de 34 anos, Deus levou-o, poupando-o dos males futuros, e o idoso George Newton, bem envelhecido, permaneceu junto ao seu corpo, quando foi enterrado para descansar na Capela da Igreja de onde ressoava o “alerta” de seus apelos e chamados às pessoas não convertidas. Este livro encarna a substância da mensagem de Alleine e, ao fazê-lo, fornece um verdadeiro modelo do evangelismo puritano. A fraseologia pode mudar de época para época, e os dons de homem para homem, porém aqui, não hesitamos em dizer que aqui estão os princípios que precisam estar presentes em qualquer apresentação verdadeira do Evangelho. Muitos dos grandes evangelistas tiveram suas convicções moldadas pelas páginas deste livro. George Whitefield, enquanto estudante em Oxford, conta-nos em seus diários como o “Alerta para o não convertido – um guia seguro para o céu!”, de Alleine, o “beneficiou muito”. Charles Haddon Spurgeon

---

<sup>2</sup> “Conventicle Act” – Ato das reuniões religiosas clandestinas — nota do Editor.



registra que, quando ele era criança, a sua mãe lia frequentemente um pedaço do “Alerta”, de Alleine, para seus filhos, quando se sentavam ao redor da lareira, nos domingos à noite, e que, quando ele foi convencido do pecado foi a este velho livro que ele recorreu. Ele escreveu: — “Lembro-me de quando costumava acordar de manhã, a primeira coisa que eu pegava era o “Alerta”, de Alleine, ou o “Chamado aos não convertidos”, de Baxter.

“Ó, que livros aqueles! Que livros! Eu não os lia apenas, eu os devorava [...]”. Com o seu coração ardendo com o fogo da Teologia Puritana, Spurgeon estava se preparando para seguir os passos de Alleine e Whitefield.

Inúmeras edições deste livro têm sido publicadas desde a primeira edição em 1671. O Dr. Calamy escreveu a seu respeito dele em 1702: — “As multidões terão motivos para lhe agradecer para sempre. Nenhum livro em língua inglesa (excetuando a Bíblia) pode igualá-lo pelo número de exemplares distribuídos; foram vendidos vinte mil exemplares sob o título de “O Chamado”, ou o “Alerta”, e cinquenta mil do mesmo sob o título de “Um Guia Seguro para o Céu”, trinta mil dos quais foram vendidos numa só impressão”. Como ilustração notável da influência espiritual desta obra, podemos citar um exemplo. No final do século XVIII, o ministro de uma congregação das Terras Altas (Norte da Escócia) – homem mais eminente pela sabedoria do que pelo fervor evangélico – foi solicitado por uma sociedade para traduzir o “Alerta” em gaélico. O livro foi, então, passado às suas mãos. Encontrando o material adequado para o púlpito, para pregações, começou a repetir a substância dos seus sucessivos capítulos à sua congregação. O resultado, diz-se, “foi um grande despertamento que perdurou por muito tempo no distrito de Nether Lorn”.



Com a oração de que o conteúdo deste livro possa ser novamente divulgado por todo o nosso país e noutros países além dos mares, nós o recomendamos à bênção de Deus, cuja palavra é “viva e eficaz, e mais penetrante do que espada de dois gumes”. “Porque toda a carne é como a erva, e toda a glória do homem como a flor da erva”. A erva murcha, e a flor da erva cai; mas a palavra do Senhor permanece para sempre. E esta é a palavra que pelo Evangelho vos é pregada” (Hebreus 4:12; 1 Pedro 1:24, 25).

Agosto de 1959 — Iain Hamish Murray (1931)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Esta Introdução Bibliográfica foi traduzida para português por Plínio Sousa. Título original: — Biographical Introduction by Iain Hamish Murray in 1959.